Na fenda♦

Marcus André Vieira

Em sua "Proposição", Lacan nos oferece dois fragmentos clínicos de impressionante concisão que tratam especificamente do que ocorre com o analista quando do desenlace do laço transferencial. São duas frases apenas, uma para cada um. Vou me concentrar na primeira: "daquele que recebeu a chave do mundo na fenda da impúbere, o psicanalista não mais precisa esperar um olhar, mas se vê tornar-se uma voz"[1].

Apesar da enorme contração, a posição subjetiva na fantasia é caracterizada em uma lógica precisa. Vejam como a leio. O sujeito era tomado pela repetição de um olhar lançado incessantemente à fenda da impúbere, local de inscrição de um gozo fundamental. O olhar é o objeto chave, por isso, também, reversível. O analisante era olhado constantemente a partir da fenda. Já o termo impúbere sustenta, a meu ver, o indecidível do caso, seus mistérios e sua singularidade, no feminino. A conclusão da análise, uma vez essa estrutura fantasmática virada pelo avesso, leva a que o analista, até então tomado como o olhar que deteria o segredo dos poderes deste objeto, passa a ser tomado apenas como uma voz.

Muitas leituras poderiam se sustentar nesse fragmento. Meu interesse é o de poder, com ele, refletir sobre uma questão mais que preemente: como publicar nossos relatos de caso? Os fragmentos clínicos são ferramenta maior de nossa formação permanente, assim como elementos de demonstração junto ao Outro da cultura. Condená-los ao segredo, como temos podido fazer, limita boa parte de seus efeitos. Além disso, hoje, quando qualquer experiência pode ser gravada e postada nas redes, não podemos limitar-nos ao já produzido, nem crer ingenuamente que se estivermos entre quatro paredes estaremos a sós. Como fazer para transmitir nossos casos, minorando os efeitos de reconhecimento sem perder o essencial?

Neste sentido, o fragmento em questão é exemplar. O imaginário, do particular de uma história, que mais era indignação por suposta exposição da intimidade, é reduzido aos elementos mínimos da trama da fantasia. Ainda assim, tocamos nesse ponto de junção entre significante e real em que pulsa a singularidade do caso. A impúbere, segue, aqui, como essa letra, apenas semi-legível, mas viva e localizada. Ela poderia ser substituída ou tornada anônima? Não se perderia a força de transmissão dos efeitos do fora do sentido de sua singularidade, que deve ter sido exatamente o que teria esvaziado o imaginário da fantasia no caso? Creio que não. Seria ele um significante mestre do analisante ou um termo criado por Lacan? Como proceder com esses significantes sem cair no apagamento do real do caso ou na criação de uma perigosa versão semi-autoral

♦ Publicado no *Understumble*: Boletim do *XIII ENAPOL*, n. 3.

do analista? Creio que apenas nossa comunidade, em sua casuística de escala imensa, e em um encontro como o ENAPOL pode começar a responder a questões tão espinhosas como essa.

---

[1] Lacan, J., “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, Outros escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 260.